

ISSN: 2764-5622

Vol. 3 | Nº. 1 | Ano 2022

Patrícia Neumann

*Universidade Estadual
do Centro Oeste*
souhumanista@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é pensar o sentido do suicídio e a superdotação a partir do trabalho de Dąbrowski. O método foi o de ensaio. Os resultados destacam a complexidade de correlacionar suicídio e superdotação, a multiplicidade de fatores envolvidos, os aspectos do desenvolvimento do indivíduo superdotado no nível de desintegração espontânea multinível que apresenta sinais que também, em certo grau, se configura como depressão, a relação do indivíduo superdotado com estressores, o sentimento de solidão que pode ser acentuado pelo conflito entre ser quem se é e aquilo que o meio social exige, o desenvolvimento assíncrono e a necessidade de atendimento de demandas educacionais e de saúde especiais como prevenção de sofrimento e de possível suicídio. Considera-se que um dos sentidos possíveis do suicídio no indivíduo superdotado pode estar relacionado à própria busca por crescimento. Significa que quando o sentido da vida é questionado através da morte, pode-se estar em busca de um segundo nascimento da vida.

Palavras-chave: superdotação; suicídio; desenvolvimento assíncrono; Dąbrowski.

MEANING OF SUICIDE AND GIFTEDNESS: REFLEXIONS BASED ON KAZIMIERZ DĄBROWSKI

ABSTRACT

The objective of this paper is to think about meaning behind suicide and giftedness based on Dąbrowski's work. The method was essay. The results highlight the complexity of correlating suicide and giftedness, the multiplicity of factors involved, the aspects of the development of the gifted individual at the level of multilevel spontaneous disintegration that presents signs that also, to a certain degree, is configured as depression, the relationship of the gifted individual with stressors, the feeling of loneliness that may be accentuated by the conflict between being who one is and what the social environment requires, the asynchronous development and the need of special educational and health services as prevention of suffering and possible suicide. It is considered that one of the possible meanings of suicide in gifted individuals may be related to their own search for growth. It means that when the meaning of life is questioned through death, one may be in search of a second birth of life.

Keywords: giftedness; suicide, asynchronous development; Dąbrowski.

Correspondência/Contato

revistaneurodiversidade@gmail.com
<https://www.revistaneurodiversidade.com/>

Editores responsáveis

Daniele Pendeza

Lucas Pontes

1 INTRODUÇÃO

Pensar o suicídio requer compreender seu sentido. Isto leva ao problema que abordo, neste artigo, de qual é o sentido do suicídio, especificamente, aqui, em indivíduos com altas habilidades ou superdotação. Meu objetivo é, então, discutir sobre o sentido do suicídio, com base, mais especificamente, a partir do nível de desintegração espontânea multinível, postulado por Dąbrowski. Trago, para isso, um recorte da minha pesquisa da obra de Kazimierz Dąbrowski e parto, principalmente, de sua tese de doutorado em medicina intitulada *Les Conditions Psychologiques du Suicide*, publicada em 1929, pela Universidade de Genebra. Dąbrowski (1902-1980) foi um psiquiatra e um psicólogo polonês do século XX que desenvolveu a Teoria da Desintegração Positiva (TDP). Nesta teoria, entende-se que o desenvolvimento humano depende, necessariamente, de processos de desintegração que ocorrem ao decorrer da vida como um todo. Existem diferentes tipos de desintegração, mas aquela que favorece ao desenvolvimento é justamente a desintegração positiva, ou seja, a que impulsiona o organismo a sair de um nível inferior para galgar um nível superior enquanto seu funcionamento e sentido de existência no mundo.

É a partir desta perspectiva que Dąbrowski analisa e compreende o suicídio. Sua tese se voltou ao público em geral e a discussão entre seu trabalho e a superdotação é feita por mim. Além disso, quero salientar que uso o termo ‘indivíduo’ ao decorrer de todo o texto quando me refiro às pessoas com altas habilidades ou superdotação, inclusive na discussão. Isto por homenagem ao trabalho de Dąbrowski. Epistemologicamente, este termo era coerente ao período científico ao qual ele pertenceu. Em outros artigos meus, é possível observar que tenho utilizado o termo ‘pessoa’, o qual, em âmbito epistemológico, tem diferenças do termo ‘indivíduo’. Também, opto por usar apenas o termo ‘superdotação’, por coerência com os textos de Dąbrowski, em vez de ‘altas habilidades’. Como desenvolvimento do texto, primeiro, trago uma síntese dos fatores envolvidos no suicídio. Depois, uma apresentação sucinta dos níveis de desenvolvimento e o suicídio em cada um deles e, por fim, reflexões a partir e em torno do problema elencado.

2 O SUICÍDIO

Alguns Fatores: biológicos, cósmicos e sociais

Para Dąbrowski (1929), suicídio é um ato que requer um mínimo de consciência para ser realizado, ou seja, o indivíduo atenta contra a própria vida com algum grau de consciência disso. Ele

não está a considerar situações em que o indivíduo não tem um mínimo de consciência sobre o que está a realizar. Consciência, aqui, se refere à noção do perigo contra a própria vida.

Mesmo o ato do suicídio cometido por um indivíduo mentalmente adoecido que busca na morte um refúgio, uma solução para seus males imaginários, também deve ser considerado como parcialmente consciente porque o suicídio envolve três elementos: o objetivo de se matar, a decisão de se matar e os meios que serão utilizados para isso (*Ibid*, 1929). Deste ponto de vista, Dąbrowski (1929) divide os indivíduos em quatro grupos: 1) suicídios causados por alguma psicopatologia, 2) suicídios causados por motivos passionais, ou seja, aqui se trata do nível de desenvolvimento no qual o indivíduo se encontra, o modo como cada indivíduo gerencia suas emoções e lida com as adversidades; 3) suicídios que ocorrem com indivíduos considerados psicologicamente saudáveis, isto é, indivíduos que não possuem nenhuma psicopatologia, mas que devido a situações muito específicas daquele momento, podem vir a se suicidar e, por fim, 4) suicídios em que a causa é obscura por não se encaixar em nenhum dos outros grupos. Nestes casos, é bastante difícil precisar o que leva o indivíduo ao suicídio, pois este ato é o resultado de uma organização psíquica singular.

Dentre os quatro grupos de suicidas, Dąbrowski (1929) afirma que o grupo que mais requer nossa atenção é aquele em que os indivíduos são psicologicamente saudáveis e aquele em que as causas do suicídio permanecem desconhecidas. Dąbrowski se ocupa, então, do seguinte problema: qual é a realidade psíquica de indivíduos que decidem cometer um ato contra a própria vida? No que se refere ao grupo de indivíduos mentalmente saudáveis, Dąbrowski chegou à consideração de que, nestes casos, o suicídio é o resultado do conjunto de fatores biológicos e inconscientes. Para Dąbrowski (1929), suicidar-se não é um ato que se pratica motivado unicamente pela consciência. Existe um mecanismo inconsciente que está a funcionar cujo qual o indivíduo não tem consciência alguma ou até pode ter algum grau mínimo dela. Este mecanismo inconsciente foi construído pelos ancestrais desses indivíduos, ou seja, o ato de se suicidar não é uma decisão unicamente individual e ela ocorre quando esse mecanismo inconsciente é ativado por condições vivenciadas socialmente. Dąbrowski salienta que é preciso uma análise das relações sociais como um dos principais fatores na compreensão do suicídio. Assim, ele realizou um minucioso estudo acerca das causas que predisõem o suicídio e as organizou em três grupos: causas gerais, individuais e determinantes. No âmbito deste texto, apresento somente o rol de causas gerais, as quais são classificadas em três grupos de fatores: biológicos, cósmicos e sociais.

Dentro do fator biológico, Dąbrowski (1929) elenca quatro elementos que precisam ser considerados: a raça, a hereditariedade, o sexo e a idade. No que se refere ao elemento raça, Dąbrowski se ocupou das raças na Europa em meados do início do século XX. Ele elencou quatro raças

(germânica, celto-romana, eslava e albânica) e analisou o índice de suicídio em cada uma delas. No que tange a hereditariedade, Dąbrowski deu uma considerável ênfase pelo fato de que este fator é crucial em alguns casos, pois são inúmeros aqueles em que o suicídio é recorrente dentro de uma mesma família. Ele descreve alguns casos clínicos em que ocorreram diversos suicídios seja em uma ou em diferentes gerações. Em um dos casos, uma família com cinco filhos e apenas uma filha, o irmão mais velho, aos 40 anos, se jogou do terceiro andar; o segundo irmão, aos 35 anos, se matou enforcado, o terceiro se jogou de uma janela e o quarto se matou com um tiro de revólver. Nesta mesma família, já havia ocorrido suicídio na geração anterior por afogamento. Em outro caso, a avó, a mãe, a tia e o irmão de uma jovem tinham se matado e ela também nutriu, por longo período, a ideia de se suicidar.

Para Dąbrowski, estes casos “provam a existência de um tipo de psicose” (1929, p. 14)¹, além de uma forte presença do sugestionamento do suicídio como solução de problemas. Entretanto, embora o sugestionamento cumpra um papel relevante na decisão do suicídio, ele não pode ser atribuído como causa, pois a sugestão não tem o mesmo efeito em indivíduos que não tenham predisposição. Podemos pensar que, no caso destes tipos de família, a predisposição biológica, a qual se refere à constituição do sistema nervoso, e a sugestão estão interconectadas. Dąbrowski salienta que a investigação de um amplo número de pacientes antes de cometerem suicídio mostrou que estes indivíduos apresentavam, na família, sinais de mania, melancolia e psicoses. Além disso, há o fator do alcoolismo, o qual é “o germe das psicoses que acabam em suicídio” (*Ibid*, 1929, p. 15).

Com relação ao sexo, Dąbrowski (1929) comparou o índice de suicídio entre homens e mulheres e o número de suicídios estava na proporção de três para um nos homens, isto é, a cada 4 suicídios, 3 eram cometidos por homens. Dąbrowski realizou um levantamento estatístico destes dados em países da Europa a partir de 1850 e todos os resultados apontaram para um elevado índice de suicídio dentre homens. Dąbrowski sugere que a explicação para o menor índice de suicídio dentre as mulheres esteja no que ele chama de natureza feminina, a qual protegeria parte das mulheres contra o suicídio quando comparado aos homens. Nesta natureza constam a dependência do marido com relação a todas as áreas e tal dependência tirava da mulher a responsabilidade por sua própria vida, de ter que tomar decisões por si mesma; ignorância e falta de acesso às armas e, por fim, o desenvolvimento do instinto de conservação, o qual era amplamente reforçados pela maternidade. Contudo, esta situação muda quando ocorre o falecimento do marido, o que leva, frequentemente à miséria e à incapacidade de se sustentar e aos filhos. Isto pode levar à depressão e conseqüente suicídio.

¹ As citações diretas foram todas traduzidas pela autora deste texto.

Por fim, o último grupo dentro dos fatores biológicos é a idade cronológica. O levantamento estatístico que Dąbrowski (1929) realizou mostra que ocorria suicídio em todas as idades, inclusive em crianças menores que 5 anos. A faixa etária em que ocorria o maior número de suicídios era entre 20 e 25 anos. A explicação para este fenômeno estaria na obrigatoriedade do serviço militar para os homens e também era nesta faixa etária que, comumente, ocorriam as primeiras grandes decepções amorosas, tanto para homens quanto para mulheres. Com relação às mulheres, embora a maternidade, para muitas, reforçava o seu instinto de conservação, para outras, seria justamente fator de risco ao suicídio.

O fator cósmico se refere ao clima. Segundo Dąbrowski (1929), haviam autores que afirmavam que o calor predispunha ao suicídio, enquanto outros afirmavam que o frio é que predispunha ao suicídio e, ainda, havia quem afirmava que o clima não influenciava na decisão do suicídio, como Durkheim. Contudo, Dąbrowski utilizou a pesquisa de Robert Gaupp que foi realizada especificamente sobre este tema. Foi avaliado o índice de suicídio por época em seis países da Europa entre 1835 e 1843. Na França, por exemplo, em praticamente uma década, houve, consideravelmente, mais suicídios nos meses mais quentes do ano, isto é, junho e julho, enquanto a mais baixa taxa ocorreu nos meses de intenso inverno, dezembro e janeiro. Para Dąbrowski, isto poderia ocorrer devido ao fato de que, com o calor, o organismo teria um grau maior de excitabilidade e as emoções seriam mais estimuladas. Isto poderia ter um efeito negativo em indivíduos com predisposição à melancolia, pois nestes casos, eles estariam em desacordo entre seu meio interno e o meio externo. Haveria, portanto, um conflito entre a vivacidade da natureza durante o verão e a predisposição interna do indivíduo para o contrário disso. No caso do inverno, dentro desta hipótese, o meio interno e o externo destes indivíduos estariam em maior acordo no que se refere à intensidade da vida.

O primeiro elemento que Dąbrowski (1929) salienta dentro dos fatores sociais é a época. Sabe-se que determinadas épocas são favoráveis ao suicídio como, por exemplo, períodos de colapso de sistemas morais, filosóficos, políticos ou religiosos. A ruptura destes sistemas corta os laços que unem e consolidam os indivíduos em um todo social. Cada indivíduo tem uma necessidade de estar ligado a alguma coisa, seja uma doutrina, seja uma teoria, a qual possui caráter subjetivo para ele e, acrescido, lhe confere algum sentido. Em épocas nas quais os sistemas solapam ou mesmo se modificam drasticamente, há uma tendência ao crescimento do suicídio.

Outra situação analisada por Dąbrowski (1929) são os períodos de guerra e revolução. Curiosamente, durante guerras e revoluções ocorre uma diminuição na taxa de suicídios, porém, imediatamente após estes períodos, há registros do seu crescimento. Tende a existir, por exemplo, a ocorrência de melancolia naqueles que foram os derrotados, o que é uma das causas

prováveis para o aumento dos suicídios. Dąbrowski menciona grupos específicos mais propensos ao suicídio nestas circunstâncias. Trata-se dos suicídios dentro dos militares, muitos dos quais perderam a guerra e também pelos intensos sofrimentos e privações vividas durante o período de combate. Há os suicídios oriundos do afrouxamento dos laços afetivos e familiares decorrentes do período de guerra, no caso de esposas e mães. Os suicídios decorrentes de um rebaixamento da moralidade sexual, o que, nestes casos se referem aos homens que se entregam a vivência de sua sexualidade em bordéis junto, frequentemente, ao álcool. Existem os suicídios relacionados a mudança econômica, a qual é causadora de pobreza e miséria. Há o aumento da sobre-excitabilidade, a perda da fé e de valores, a perda de familiares ou, ainda, o caso de mutilações em pessoas queridas vítimas de guerra.

Dąbrowski (1929) também cita duas outras curiosas situações que se relacionam a época. Uma se trata de suicídios relacionados a publicação de algumas obras científicas ou literárias. Um exemplo foi o romance de Goethe, os Sofrimentos do Jovem Werther. Outra situação relacionada à época são as transições de âmbito social. Nestas transições, tende a ocorrer um aumento na taxa de suicídios de alguns públicos específicos como os artistas e os indivíduos detentores de algum status social. Por fim, Dąbrowski salienta que o suicídio é o desfecho da luta entre duas tendências opostas que coexistem internamente ao indivíduo e do fracasso no acordo entre estas duas forças.

Outros elementos dentro dos fatores sociais são o meio social, a profissão e as condições de trabalho. Há uma maior ocorrência de suicídios em grandes cidades que no meio rural, isto nos anos 1840. Dąbrowski elenca alguns fatores responsáveis por este fenômeno na zona urbana: miséria, promiscuidade, extrema desigualdade entre ricos e pobres, abuso de álcool e sexo (nas zonas de prostituição), o despertar das mulheres para o luxo e o desejo de usufruir de bens materiais inacessíveis a elas, a decadência moral que incorre a muitas adolescentes que vem da zona rural para trabalhar na cidade em casas de família (muitas delas engravidam, cometem infanticídio ou suicídio), características específicas de grandes cidades como agitação, desigualdades sociais, os extremos entre miséria e luxúria, desvalorização do indivíduo e a perda de fortunas nos jogos de azar que leva a miséria. Além disso, não se pode deixar de considerar fatores que são inseparáveis do progresso tecnológico e científico, os quais incidem na organização psíquica humana e manifestam-se como a busca por sofisticação e a satisfação imediata de prazeres (*Ibid*, 1929).

Dąbrowski (1929) também salienta o alto índice de suicídios nos meios artístico, filosófico e letrado, bem como dentre indivíduos que possuem um poder aquisitivo elevado, ou seja, dentre os ricos. Outra questão que Dąbrowski enfatiza é que se deve prestar mais atenção nas condições de vida dos indivíduos que em suas profissões, isto é, trata-se das circunstâncias em que o indivíduo vive e não, necessariamente, daquilo que ele faz. Isso não quer dizer que não haja profissões que tenham mais

suscetibilidade ao suicídio como as prostitutas, os artistas, os comerciantes de vinho e os militares. Mesmo dentre as prostitutas de luxo, existe um considerável número de suicídios. Isto decorre de alguns fatores como a constante oscilação entre excitação e depressão, a miséria, o conflito entre a maternidade e a profissão e o sentimento de amor que ela pode ter em relação algum cliente e que jamais irá se concretizar em um casamento.

Dentre os artistas, existe a elevada concorrência, a oscilação do preço das obras e as más condições de trabalho. Dentre os comerciantes de vinho, está fortemente presente o alcoolismo enquanto causa de suicídio e dentre os militares, há o fato de dar à morte uma familiaridade, a facilidade ao acesso a armas, o conflito entre liberdade e submissão aos superiores, o acesso constante à prostituição que se associa com as doenças venéreas e ao álcool. Por fim, Dąbrowski também salientou o suicídio dentre os prisioneiros em que os fatores envolvidos são a miséria, a fome, os maus tratos, a brutalidade dos guardas, a consciência de estar privado da liberdade e a influência da injustiça no caso daqueles que foram condenados por erros jurídicos. Nestes casos, todos estes fatores têm efeito ainda mais forte (*Ibid*, 1929).

Outro fator social que Dąbrowski (1929) discorreu foi acerca do suicídio relacionado às questões morais e religiosas. Ele salienta que é difícil precisar o número de suicídios relacionados a estes fatores porque é complexo isolar este fenômeno e reunir dados de modo estatístico. Quanto ao aspecto moral, é difícil precisar se o suicídio está diretamente ligado ao estado civil. Contudo, percebe-se que uma união ilegal exerce uma influência no número de suicídios entre as mulheres quando abandonadas por seus amantes. E, e ainda, suicídio logo após o infanticídio. Outro aspecto observado por Dąbrowski foi que crianças nascidas de uniões ilegais tendem ao suicídio em número maior que aquelas nascida de uniões legitimadas socialmente. Dąbrowski coloca que essas crianças tomam consciência de sua situação moral, extremamente vergonhosa, a qual é agravada pelos julgamentos morais da sociedade em suas ideias retrógradas. Finalmente, no que tange à religião, há mais suicídios em países protestantes que em países católicos. Chegamos, então, ao fim das causas gerais que predisõem ao suicídio. Na sequência, exponho a relação entre suicídio e os níveis de desenvolvimento da personalidade.

Os Níveis da Personalidade e o Suicídio

Nas palavras de Tillier (2018), Dąbrowski concebe o desenvolvimento humano em níveis. Isto significa que sua teoria da personalidade é pautada em uma perspectiva hierárquica, ou seja, existe uma considerável diferença entre os níveis em que cada nível seguinte é qualitativamente superior ao

nível que o precedeu. Esta perspectiva foi totalmente inovadora nos anos 1960, pois propiciou um novo entendimento de saúde mental, outra visão acerca do diagnóstico e uma perspectiva diferenciada sobre personalidade e ajustamento social. Personalidade e saúde mental são conceitos intrinsecamente conectados. Dąbrowski, ao contrário da maioria dos psiquiatras da época, não centralizou o conceito de saúde mental na ausência ou presença de sintomas. Diagnosticar uma condição mental apenas por uma lista de sintomas seria insuficiente e perderia grande parte da complexidade de cada indivíduo. O conceito de saúde mental, para Dąbrowski, está necessariamente baseado no desenvolvimento humano. Para ele, saúde mental é a capacidade em se desenvolver e autorrealizar. A doença mental, portanto, se refere à incapacidade de desenvolvimento e consequente ausência ou dificuldades de autorrealização. Doença mental, aqui, não tem o mesmo sentido dado pela psiquiatria pautada manual de transtornos.

Neste sentido, autorrealização se refere a uma personalidade singular regida por si mesma. Singularidade significa independência do determinismo biológico e social. Em outras palavras, inicialmente, o indivíduo tem uma relação de dependência dos aspectos biológicos da vida, no caso, aqueles instintivos, e dependência dos aspectos da vida social. Para existir, enquanto indivíduo, ele se submete aos ditames sociais e culturais. Nestas duas situações, respectivamente, Dąbrowski localiza o locus de controle do indivíduo em seus instintos ou no meio externo, isto é, o sujeito é controlado seja por suas necessidades mais básicas oriundas dos instintos, seja pelo meio social no qual vive. Este indivíduo não toma decisões por si mesmo e, portanto, não possui, ainda, personalidade (*Ibid*, 2018).

Dąbrowski foi bastante original na sua concepção de personalidade. Tanto para a Psicologia quanto para o senso comum da época, em grande parte, personalidade é um conjunto organizado de características ou traços. Porém, não é desta forma que Dąbrowski pensou a personalidade. Para ele, apenas se pode chamar de personalidade os indivíduos que alcançam o último nível de desenvolvimento. Isto porque personalidade significa alcançar o completo oposto da uniformidade e uma total contraposição à socialização, a qual é orientada por padrões rígidos de modos de ser. Dito de outro modo, a personalidade é a plena singularidade do indivíduo, é sua liberdade para ser (*Ibid*, 2018). Assim sendo, Dąbrowski organizou o desenvolvimento em cinco níveis: o nível de integração primária, o de desintegração uninível, o de desintegração espontânea multinível, o de desintegração organizada multinível e o de integração secundária. Temos, então, dois tipos de integração, a primária e a secundária; e dois tipos de desintegração, a uninível e a multinível. Vejamos cada um deles.

Para Dąbrowski (2016; 1959; 1976), o nível de integração primária é o nível mais básico do desenvolvimento humano. Nele, inexistente dinamismo emocional e sentimento pelos outros. Trata-se de um nível fortemente adaptativo e previsível. Ele está diretamente dependente de influências biológicas

ou sociais. Indivíduos neste nível não apresentam autopercepção, auto avaliação, reflexão e conflitos internos. São caracterizados por egoísmo e autoritarismo e estão centralizados em atender suas necessidades básicas. É nesse nível que se encontram os psicopatas, os quais são totalmente orientados por suas necessidades instintivas e não por regras sociais. No limite entre este nível e o próximo, encontram-se os indivíduos medianos e borderline, os quais já se orientam por normas sociais. Enquanto psicopatas refletem unicamente seus próprios interesses, indivíduos medianos e borderline são capazes de refletir interesses sociais, mas totalmente distantes de qualquer singularidade².

Na sequência, a primeira das desintegrações é a uninível. Ela marca o segundo nível de desenvolvimento da personalidade e é caracterizada por falta de um núcleo interno autônomo, o que leva o indivíduo a apresentar constantes oscilações de humor. Neste nível, os indivíduos são marcados por sentimento de inferioridade quando se comparam aos outros, pela dependência emocional, pela necessidade de admiração e aprovação do outro, pela busca de conformidade e unidade com os demais e por limitada condição de discernir com clareza a realidade. Também, neste nível, o indivíduo tem dificuldades em gerenciar os conflitos que emergem entre suas motivações e demandas externas, o que leva, frequentemente, à dificuldade de se relacionar com figuras de autoridade. Como supracitado, na linha que separa este nível da integração primária, encontram-se os indivíduos medianos e borderline. Na desintegração uninível, também estão os indivíduos mentalmente doentes, ou seja, aqueles profundamente psiconeuróticos (*Ibid*, 2016; 1959; 1976).

O próximo nível é a desintegração espontânea multinível. Neste momento, o indivíduo não mais se encontra tão unificado e começa um processo mais complexo de diferenciação. Por isso, Dąbrowski o nomeou de multinível. Neste momento, a desintegração ocorre de modo involuntário. Quer dizer que o indivíduo não tem consciência daquilo que o impulsiona para a mudança e isso ocorre sem o seu querer consciente. Algumas características são predominantes deste nível, tais como um elevado grau de insatisfação consigo mesmo, um conflito entre aquilo que a sociedade exige que o indivíduo seja e aquilo que ele mesmo deseja ser, frustração por não se realizar, sentimentos de inferioridade, frustração e raiva com relação aos próprios impulsos e limitações de seu desenvolvimento e o início de uma consciência de si, embora ainda limitada. É nesse nível que se encontram os indivíduos psiconeuróticos que avançaram da desintegração uninível. Importante salientar que nem todos os psiconeuróticos alcançam o terceiro nível de desenvolvimento. Dąbrowski

² Quanto à perversão, penso que pode se manter em nível um ou dois, bem como tem a possibilidade de avançar para níveis superiores. Tal tese está em curso de pesquisa.

observou que a maioria dos indivíduos permanecem por toda a vida nos níveis de integração primária e desintegração uninível (*Ibid*, 2016; 1959; 1976).

Para os indivíduos que passam pela desintegração espontânea multinível, o nível seguinte será a desintegração organizada multinível, o quarto nível de desenvolvimento. Nele, há uma redução dos conflitos internos junto a um aumento da realização do próprio potencial marcado por escolhas conscientes que partem de uma referência interna que está em processo de emergência. Ocorre também uma transcendência das mudanças anteriores e dos traços que são indesejáveis. Percebe-se um aumento da responsabilidade e do senso de bem comum em conjunto com o bem individual. Neste nível, mostra-se crescente a independência e autonomia dos aspectos biológicos e sociais, ou seja, o indivíduo rumo para sua plena singularidade, a qual é marcada por decisões totalmente orientadas por um centro pessoal (*Ibid*, 2016; 1959; 1976).

Por fim, o quinto e último nível, passadas as desintegrações, vem a integração secundária, sendo completamente diferente da integração primária. Este nível é caracterizado por uma quase inexistência de conflitos internos, uma experiência de harmonia consigo, predominância de autonomia, empatia, autenticidade, amor e compaixão pela humanidade, altruísmo, independência de determinantes biológicos e sociais, consciência do valor da vida e unidade com o seu potencial. É neste nível que se pode dizer da existência de uma personalidade, pois é aqui que o indivíduo se torna um vir a ser fluído quanto aquilo que deseja ser em sua mais plena expressão. É, também, neste momento, que se pode dizer de uma ampla saúde mental (*Ibid*, 2016; 1959; 1976).

Mas quanto ao suicídio? Tillier (2018) explica que, para Dąbrowski, o suicídio pode ocorrer em qualquer um dos cinco níveis do desenvolvimento da personalidade. Contudo, as motivações e as intenções do suicídio são muito diferentes em cada nível. No nível mais baixo, que é o de integração primária, o suicídio é frequentemente uma tentativa desesperada de fuga de uma situação difícil, da responsabilidade de ter que assumir a própria vida ou, ainda, uma fuga de algum tipo de punição. No segundo nível, o de desintegração uninível, o suicídio é, frequentemente, um produto de emoções caóticas e de reações intensas perante as experiências vividas durante as crises de desintegração que ocorrem neste momento. Comumente, saliento, que, em clínica, os indivíduos relatam que se sentem perdidos, sem rumo como que se estivessem sem nenhum amparo ou limite que lhe confira uma noção de existência – como um barco à deriva. Tillier (2018) afirma que é comum que o suicídio se relacione alcoolismo e às drogas neste nível, bem como são comuns as atitudes de automutilação. Dąbrowski (2016) coloca que o segundo nível é o mais intenso período de crises e, por isso, o indivíduo pode retroceder para o primeiro nível, que é uma estrutura conhecida e segura. Junto ao risco do suicídio, está também o risco da psicose. Em outras palavras, o indivíduo pode escolher entre quatro

opções, no nível de desintegração uninível: manter-se nele, avançar para o terceiro nível, regredir para o primeiro – e tornar-se psicótico – ou suicidar-se.

No terceiro nível, o de desintegração espontânea multinível, o suicídio é o resultado de uma identificação profunda com o sofrimento do mundo, isto é, uma desesperança existencial. É quando se percebe no indivíduo um forte sentimento de solidão, desalento e desilusão. Está em jogo a luta de duas forças que se encontram em conflito entre o nível mais baixo de desenvolvimento e um nível mais alto. Este conflito pode ser tão alto que leva ao suicídio ou também à psicose. Ou seja, mesmo que o indivíduo esteja no terceiro nível, é possível uma regressão ao primeiro nível se houver o que Dąbrowski chamou desintegração negativa (Tillier, 2018). Observo que, na clínica, atualmente, os relatos de depressão muito se enquadram neste nível de desenvolvimento. Mesmo que o indivíduo seja psiconeurótico, ele não está totalmente livre de tornar-se psicótico e há, afirmo, um temor quanto a isso por parte dos clientes³. Quero dizer que em minhas observações, indivíduos no terceiro nível de desenvolvimento da personalidade sentem medo de perder o controle de si quando a irrupção dos conflitos, ou seja, temem se tornarem psicóticos. Eles precisam decidir – e essa decisão é parte consciente e parte inconsciente – entre avançar para o próximo nível, permanecer no nível em que estão e dar conta dos conflitos inerentes a ele, regredir a níveis anteriores ou suicidar-se. Neste sentido, defendo que o suicídio é uma constante opção para qualquer um e não um fenômeno restrito a apenas alguns casos específicos. A tese de Dąbrowski nos mostra que qualquer um pode vir a se suicidar e o que diferencia um indivíduo do outro são os fatores de predisposição e o seu próprio desenvolvimento da personalidade.

Quando no quarto nível, o de desintegração organizada multinível, o indivíduo já possui uma elevada consciência acerca de seu próprio desenvolvimento e o suicídio se configura mais como uma tentativa de matar parcialmente o eu primário. Existe uma busca por destruir estruturas negativas para que emergam estruturas positivas. Assim sendo, o instinto de morte coopera com o instinto de vida, pois ele é responsável por erradicar impulsos desfavoráveis ao desenvolvimento. Neste nível, extingue-se o perigo do suicídio que destrói a própria vida completamente. Do mesmo modo, está extinto o perigo da psicose. No quarto nível, os conflitos são existenciais, filosóficos e transcendentais e eles estão fortemente a serviço da personalidade (Tillier, 2018). Acresço que o suicídio, aqui, tem outra dimensão comparado aos níveis anteriores, pois nos precedentes, o suicídio tem a função de destruir a vida por completo, como é o caso de atitudes de afogamento, enforcamento, intoxicação, mutilação,

³ Termo adotado por autores da Psicologia Humanista que decidiram não utilizar o termo ‘paciente’ devido ao seu significado da época, segunda metade do século XX. Tal perspectiva exerceu significativa influência sobre Dąbrowski, especialmente humanistas como Carl Rogers e Abraham Maslow.

etc. O suicídio, no quarto nível, não se refere à destruição completa da vida, mas a uma destruição parcial – destruição daquilo que ainda impede o indivíduo de se realizar.

Por fim, o quinto nível não está isento da possibilidade do suicídio. Porém, o suicídio, aqui, não visa à destruição da própria vida em si. Trata-se de um ato que envolve diferentes situações como um suicídio voluntário em prol de uma ampla causa, a doação da própria vida em prol de salvar outras, a aceitação da morte quando de uma condição crítica de saúde, o suicídio como um meio facilitador para que a consciência atinja outras dimensões (transcendência) ou, ainda, como um protesto social (*Ibid*, 2018). O quadro abaixo, adaptado e traduzido de Tillier (2018, pp. 52-53), sintetiza o que foi dito e mostra o que se encontra em cada nível, o *l*ocus de controle do indivíduo e o tipo de motivação do suicídio em cada nível.

Nível	Descrição	Locus de controle	Suicídio (motivações)
I	Psicopatia Indivíduo insocial	Fortemente instintivo.	Fuga, vergonha, vingança, impulsividade, raiva e covardia.
	Indivíduos medianos Borderline	Fortemente externo (social)	
II	Psiconeurose (caos, estresse alto)	Em fluxo	Intensidade ou prolongamento do estresse.
III	Psiconeurose menos intensa.	Fracamente interno	Intensos conflitos internos.
IV	Psiconeurose intensa.	Emergente interno	Parcialmente “matar” o antigo eu primário.
V	Personalidade em harmonia.	Fortemente interno	Transcendência, para salvar outros indivíduos, protesto social.

Quadro 1 - Níveis da Personalidade e Motivações do Suicídio

3 DISCUSSÃO

Demonstrar a correlação entre superdotação e suicídio é uma tarefa consideravelmente difícil. A primeira dificuldade já está em identificar a população superdotada e, então, dentre ela, o número de casos. Mais complexo ainda é determinar possíveis causas que podem levar ao suicídio. Como vimos pela investigação de Dąbrowski, são vários os fatores, tanto internos quanto externos, a serem considerados em cada indivíduo e, saliente, seja ele superdotado ou não. Sua pesquisa foi publicada há quase um século e há fatores daquela época presentes até hoje, além de outros próprios de nossa

atualidade que merecem atenção. Muito há para ser pensado acerca deste tema em indivíduos superdotados, mas quero circunscrever esta discussão ao nível III, pois é nele que se encontra o maior nível de conflitos internos. Quando olhamos para os traços do nível III, Dąbrowski (1959) os descreve didaticamente para que possamos delimitá-los. Ele também afirma que a maioria dos indivíduos não alcança desintegração total de um nível para outro, mas somente parcial.

Em minha observação de indivíduos superdotados dentro do contexto psicoterapêutico, em geral, há uma busca intensa por desenvolvimento e crescimento desde que são bebês. Diversos fatores incidem nesta busca que podem favorecer ou desfavorecer o processo, o que confere um modo de existir singular a cada um. Assim, olhar para o suicídio em indivíduos superdotados requer um ponto de partida. Defendo que, para pensar o suicídio, é preciso buscar compreender seu sentido, isto é, o que o suicídio significa, naquele momento particular para aquele indivíduo particular. Muitas vezes, porém, nem o próprio indivíduo sabe dizer para si o que lhe acomete para desejar tirar sua vida.

Saliento a importância do sentido porque o suicídio pode significar muitas coisas diferentes. Falar e ouvir sobre a morte é sempre um convite a repensar a existência. Comumente, segundo Daniels e Piechowski (2008), indivíduos superdotados experimentam muito intensamente suas vivências intelectuais, emocionais, imaginativas, sensoriais e/ou motoras. Isto é o que Dąbrowski (1979) chamou, inicialmente, de *wzmożona pobudliwość psychiczna*, em que a tradução é excitabilidade psíquica aumentada, o que, mais adiante, foi transposto, para o inglês, como *overexcitability* e, em português, sobre-excitabilidade, hiper excitabilidade ou super excitabilidade.

Indivíduos superdotados tendem, desde crianças, a se ocupar de temas existenciais como a vida e a morte. Isto ocorre, em parte, porque desde cedo estão em busca da construção de sua identidade de modo direcionado internamente. Isto, acresço, de seu processo de desintegração. Alguns indicadores desta construção do senso de identidade em crianças superdotadas, segundo Piechowski (2014), são fazer muitas perguntas sobre temas incomuns à idade (na vida adulta igualmente sobre temas que desconfortam outros indivíduos), preocupações com assuntos de ordem ética, senso apurado de justiça, extrema curiosidade, intenso prazer por desafios, intolerância à mesmice, elevada autoexigência, presença de um modo próprio de fazer as coisas (comumente, diferente dos demais), convicção de ideias etc. Então, em um contexto como este, o tema morte pode ser algo profundamente interessante ao indivíduo superdotado e, igualmente, desconcertante aos demais. Muitas vezes, ocorre a rejeição social na qual outros indivíduos veem a criança, jovem ou adulta(o) como aquele indivíduo chato que só quer falar de temas que incomodam, que pergunta demais, que pensa demais, que é *exagerado*, que é indisciplinado e desobediente, que é egoísta, impaciente, superativo etc. Quando isso ocorre, temos

uma vivência de sofrimento e a grande questão é o quanto isto se repete ao longo da vida e afeta negativamente quem passa por tais situações.

Dentro disto, Delisle (1986) elenca quatro fatores, delimitados à adolescência, que requerem atenção: perfeccionismo, expectativas sociais de sucesso, desenvolvimento intelectual diferenciado dos demais e impotência para gerar mudanças reais no mundo. Estes fatores, saliento, precisam receber atenção durante toda a vida, especialmente quando o indivíduo não recebeu atendimento as suas necessidades na infância e adolescência. Estes quatro fatores podem, por exemplo, estar circunscritos como temas fundamentais do processo de construção de identidade e configuram-se como temas existenciais. É onde pode estar envolvido o que Fiedler e Kane (2007) chamam de estresse existencial, que quer dizer um elevado grau de idealização junto a uma necessidade profunda de encontrar um propósito maior envolvido com questões éticas, políticas, sociais etc. Este tipo de estresse, saliento, pode ser observado em indivíduos em nível III, que é onde Dąbrowski localizou o sentimento de desesperança existencial: solidão e desilusão. São indicadores de um conflito entre forças, sendo uma que busca a manutenção da indiferenciação (nível II) e outra que busca a diferenciação cada vez maior (níveis IV e V). O nível III é crítico, pois nele se dá esta batalha interna. O desfecho pode ser diferente para cada um: desde o recuo para a conformidade, o avanço de nível, até mesmo a realização do suicídio. Neste nível, ideações suicidas podem ser comuns em momentos de alto estresse existencial. O que vale ressaltar é que este tipo de estresse já pode ser observado em algumas crianças superdotadas, o que, em geral, surpreende pais e profissionais que estão por perto por não se compreender o sentido deste tema logo em indivíduos tão jovens.

Torna-se, então, fundamental identificar sinais que podem indicar comportamento suicida, em qualquer idade. Hayes e Sloat (1990), em um levantamento de estudos sobre suicídio e superdotação, trazem os seguintes pontos a serem observados: histórico de problemas desde a infância; sentimentos de falta de amor, rejeição, impotência e solidão; agravamento de problemas na adolescência e surgimento de outros problemas; poucos recursos para manejar problemas; aumento progressivo de isolamento social; emergência de desesperança, enfraquecimento de laços afetivos e, por fim, a produção racional de justificativas para o suicídio. Dentro disto, é fundamental também a investigação de se indivíduos superdotados podem ter maior ou menor risco de suicídio que aqueles não superdotados. Até o momento, poucos estudos têm se ocupado desta questão.

Dixon e Scheckel (1996) salientam que suicídio não ocorre sem que haja fatores e situações que o antecederam. Para eles, o suicídio é o final de um processo que teve um início e um desenvolvimento até chegar ao desfecho, envolvendo um conjunto de fatores como estados emocionais, situações ambientais e elementos interpessoais. Um dos estudos trazidos em seu artigo

aponta que a relação entre suicídio e talento é mais visível na superdotação criativa, a qual se circunscreve nas artes. Dados empíricos desta afirmação foram obtidos pelo estudo geracional de artistas superdotados. A taxa de suicídio nas gerações anteriores de artistas é maior que em outras famílias de não artistas. A idade também foi verificada. Há um maior número de artistas eminentes que se suicidaram mais jovens que os cientistas, por exemplo, num tempo de pelo menos trinta anos de diferença. Além disso, a proporção de suicídio entre artistas e cientistas é maior que na população que não se volta a estes interesses. Tais resultados só instigam mais acerca do que pode estar envolvido no suicídio. Por que artistas parecem tender a se suicidar mais jovens que cientistas? Por que parece haver maior taxa de suicídio entre ambos que na população em geral? E será que tais dados continuam a se manter, atualmente?

Quando um indivíduo superdotado fala em suicídio, é importante compreender que nem sempre ele está a falar de morte biológica em si, embora ele mesmo possa crer nisto. Perante o sofrimento insuportável, o suicídio pode ser visto como um alívio da dor, naquele momento. A questão é mais complexa e profunda que somente associar suicídio ao alívio da dor, mas não adentrarei nesta fenda, neste texto. Tal questão merece um artigo a parte. Fiquemos, por enquanto, na superfície e tenhamos o alívio da dor como ponto de partida, não de chegada. É preciso compreender que uma coisa é a execução de um ato que a leva à morte real e outra coisa é a execução de um ato que busca matar a dor. Existem, então, dois tipos de morte: uma que é real (matar o corpo) e outra que é simbólica (matar a dor que o corpo sente). A morte real é quando o corpo para de funcionar, o coração para de bater e, sem oxigênio, a vida se esvai rapidamente. A morte simbólica é quando uma parte deste indivíduo deixa de existir e, espera-se, para dar lugar a outra coisa nova, psiquicamente. A questão é que corpo biológico e a dor que este corpo sente são uma e só coisa. Separei entre real e simbólico como meio para melhor se entender o que ocorre e também para localizar a multiplicidade que é um indivíduo. Então, se real e simbólico são um só, ao matar a dor, mata-se a si mesmo, completamente. De certo modo, é também o que Dąbrowski salienta como desintegração.

A morte simbólica é aquilo que mostra que existe vida. É possível viver a morte simbólica sem que ela se transforme em morte real, isto é, pode-se desenvolver recursos para lidar com o suicídio simbólico em vez de provocar um suicídio real, seja ele perpetrado de uma vez ou gradualmente. Quero chamar a atenção, neste ponto, que é importante diferenciar suicídio como comportamento, tentativa e ideação. Como comportamento, conforme Mueller e Winsor (2018, p. 264), é o ato de tirar a própria vida realizado pelo próprio indivíduo. Como tentativa, é um “comportamento que não resulta em morte em que um indivíduo pode ou não sofrer ferimentos”. Trata-se também de comportamento que é

direcionado a tirar a vida. Como ideação, é o pensar, contemplar e/ou planejar mentalmente o ato de tirar a vida (*Ibid*, 2018).

O ato que extingue a vida de modo rápido pode se mostrar como tomar elevada dose de substância que se torna veneno, dar um tiro em si, cortar pulsos, atirar-se de larga altura, atirar-se num carro de frente a outro veículo etc. Quero chamar a atenção também para atitudes do cotidiano que comumente não são vistas como suicidas porque são formas que não causam morte real imediata. Muitas vezes, são até valorizadas pela cultura, como o alcoolismo. Em vários momentos, Dąbrowski (1929) menciona o álcool como um fator. Por exemplo, não se ouve, comumente, que um indivíduo alcoolizado ao volante, cometeu suicídio. Ou que, ao consumir elevado nível de álcool durante a vida, desenvolveu uma doença que o levou à morte. O que quero dizer é que há muitas formas de se suicidar, seja de modo imediato ou gradual. É preciso olhar para ambas, o que quer dizer olhar e avaliar as próprias atitudes que se relacionam ao autocuidado, à autopreservação e seu par, a autodestruição.

A depender dos recursos internos e externos de cada um, este processo estaciona (desintegração positiva parcial), avança (desintegrações positivas parciais que rumam para a desintegração positiva total) ou mesmo retrocede (desintegração negativa) (Tillier, 2018). Fatores biológicos afetam recursos internos. Um exemplo é a velocidade com que cada indivíduo se recupera de adversidades. Há quem, perante uma situação altamente estressante, mergulha mais rapidamente na desesperança, enquanto outrem buscam por solução e ajuda; é o que Hayes e Sloat (1990) pontuam como os recursos para manejar problemas. E, ainda, perante uma oferta de ajuda, há quem a recuse e há quem a aceita mais abertamente. No que tange recursos externos para se levar em conta, estão os bem pontuados fatores cósmicos e sociais por Dąbrowski. De suma importância, por exemplo, é o acesso a recursos econômicos e geográficos, que faz completa diferença desde o atendimento a necessidades básicas como comida e moradia até o acesso à profissionais de saúde e educação.

Fatores familiares e sociais que podem gerar diversos problemas na infância e adolescência são eventos estressantes, os quais são destacados no estudo de Metha e McWhirter (1997) como gatilhos para possível suicídio em conjunto com outro fator fundamental que é a existência de transtornos psiquiátricos como a depressão, o transtorno de conduta e o abuso de substâncias químicas. Ainda no que tange aos estressores, um estudo elencado por estas autoras traz que alguns mitos sobre indivíduos superdotados podem influenciar no sofrimento psíquico em particular. Dentre eles, o de que eles não precisam de ajuda porque já sabem tudo, de que tudo lhes é fácil, de que são estáveis e maduros emocionalmente, de que não precisam se esforçar para conseguir o que querem e que preferem, naturalmente, ficar sozinhos. Ou seja, este último, saliento, correlacionado à imagem estereotipada do

gênio introspectivo que produz obras magníficas trancado em sua casa ou laboratório, isolado do mundo.

Mas de onde se origina este sentimento de solidão que tanto pode gerar sofrimento? Uma das possibilidades de resposta a esta questão fundamental é o que pontuam Mueller e Winsor (2018) quando tratam do fator de desenvolvimento do indivíduo superdotado. A elevada capacidade cognitiva e consequente maior abertura a mudanças torna difícil a relação com os “pares, professores, membros da família e outros; frequentemente, porque o ambiente é mal projetado para indivíduos com capacidade intelectual avançada” (*Ibid*, 2018, p. 258). Com o passar dos anos, o sentimento de estar deslocado do meio social – a assincronia externa – pode se tornar fator central no sentimento solidão e consequente atitude de isolamento social, o que pode, consequentemente, influenciar na depressão e até suicídio. A questão não se restringe ao intelecto, mas avança no emocional. Emocionalmente, indivíduos superdotados podem se sentir sem sintonia com o meio familiar e social, o que pode colocá-los em maior risco de sofrimento psíquico. Neste sentido, saliento que a compreensão do desenvolvimento humano de Dąbrowski auxilia a delimitarmos este fenômeno de assincronia e que de onde brota as muitas necessidades educacionais e de saúde especiais do indivíduo superdotado. Ele está relacionado, defendo, as muitas desintegrações positivas que podem ocorrer desde sua infância. A passagem por estes processos faz com que o indivíduo se diferencie cada vez mais dos outros em seu modo de pensar, sentir e agir e quando tais diferenciações não são acolhidas, instala-se um processo de dor.

Um elemento relevante em destacar, e Dąbrowski nos ajuda nisto, é que certos sinais característicos de nível III de desenvolvimento são também, atualmente, considerados como sintomas do quadro de depressão. São eles, segundo Mueller e Winsor (2018), em âmbito emocional: a oscilação de humor, tristeza, irritação, desamparo, desesperança, sentimento de inutilidade, culpa, ansiedade e tédio; no âmbito cognitivo: autocrítica, confusão mental, falta de memória, baixa concentração, indecisão e pensamentos suicidas; no âmbito físico: mudança de hábitos alimentares e de sono, perda ou ganho de peso, dores de estômago, dores pelo corpo sem causa aparente e motivação limitada; no âmbito social: comunicação diminuída, isolamento, dificuldades nos relacionamentos e, por fim, no âmbito comportamental: choros aparentemente sem motivo, diminuição de interesse em atividades favoritas, negligência de responsabilidades, abuso de substâncias químicas, descuido com a aparência, falas de que quer desaparecer ou fugir e condutas provocativas.

Em um recorte do modelo compreensivo de suicídio e depressão em adolescentes superdotados, de Mueller e Winsor (2018), temos algumas características intrapessoais, interpessoais e contextuais que se relacionam ao desenvolvimento e à adaptação ao meio pelo indivíduo superdotado. Cada linha

do Quadro 2 corresponde, respectivamente, a aspetos do desenvolvimento: 1) comportamental, 2) cognitivo, 3) social, 4) emocional e 5) físico:

	Intrapessoal	Interpessoal	Contextual
1	Desenvolvimento avançado (ex., artístico, atlético, intelectual) Busca por perfeição.	Aborrecimento e impaciência com o ensino convencional. Dificuldades com os pares.	Aborrecimento e impaciência com os parâmetros educacionais tradicionais. Busca por conhecer e compreender o seu ambiente cada vez mais.
2	Alta capacidade para uma aprendizagem. Intensa motivação para explorar grandes ideias e problemas em profundidade. Interesse em temas filosóficos e sociais. Elevada curiosidade, raciocínio, abstração, análise e síntese	Sensibilidade em perceber os outros e perante a rejeição de outrem de seus pensamentos e ideias.	Compreensão e integração de abstrações. Senso sofisticado de estética (apreciação do belo).
3	Necessidade de estar sozinha(o). Introversão e independência.	Inquietude em meio a grupos Falta de ter aprendido habilidades para realizar tarefas.	Necessidade de ordem e estrutura. Intolerância a obstáculos e proximidade de outrem.
4	Sobre-excitabilidade e autocrítica.	Insight emocional em relação a outras pessoas. Empatia pela dor e o sofrimento dos outros. Elevada sensibilidade ao estresse dos outros. As críticas tendem a ser levadas como ataques pessoais.	Interesse e busca pela união com o mundo.
5	Respostas corporais intensas. Dificuldade em dormir.	Agitação psicomotora (por ex. fala rápida, ansiedade)	Sensibilidade estética (por ex. cor, ritmo, forma, espaço) Sensibilidade física (por ex., luz, som, comida, tecido e temperatura)

Quadro 2 – Características do Desenvolvimento do Indivíduo Superdotado

As informações de cada coluna se referem ao fato de que cada característica precisa ser observada e analisada em conjunto com todas as demais em cada indivíduo singular, mas o ponto

central discutido pelos autores é o desenvolvimento assíncrono. Quer dizer que, por exemplo, o elevado desenvolvimento cognitivo, em choque com o não atendimento educacional e social a suas demandas se torna um fator de risco ao desenvolvimento socioemocional. Em suas palavras, “o desajustamento social e emocional é agravado quando crianças e adolescentes superdotados não têm suporte familiar ou se tornam academicamente desajustados” (Mueller e Winsor, 2018, p. 272), o que mostra a suma relevância de que haja um meio educacional compatível ao desenvolvimento destes indivíduos. Saliento que tal questão desemboca na vida adulta. Problemas não atendidos na infância e adolescência podem levar à diversas situações de sofrimento, dentre elas depressão e, em casos mais graves, a própria realização do suicídio.

Quando olhamos para o desenvolvimento no nível III, a principal motivação para o suicídio são os conflitos internos e estes recebem influência de elementos intrapessoais, interpessoais e contextuais. É neste ponto que quero inserir a discussão sobre em que medida cada indivíduo consegue se recuperar das inúmeras rupturas pelas quais passa ao decorrer da vida e como se posiciona perante elas. O que Dąbrowski chama de desintegração positiva são um conjunto complexo de rupturas motivadas pelo próprio processo de desenvolvimento do indivíduo. Uma ruptura qualquer quer dizer uma mudança que envolve um processo de luto, seja ele consciente ou inconsciente. A ruptura pode ser prevista ou inesperada; provocada pelo próprio indivíduo ou por outrem. Pode ser percebida no momento que ocorre ou só muito tempo depois que aconteceu. Toda ruptura é um corte, uma separação que é sentida como uma perda. E estamos a viver perdas o tempo todo, mesmo que não sejam notadas a cada instante. Diferenciar-se é uma ruptura de laços firmados desde antes do nascimento. Antes de cada um nascer, há uma sociedade e uma cultura que foi construída por muitos indivíduos. Um sistema que une e consolida, nas palavras de Dąbrowski (1929), um senso social de existência. Destaco que quem chega nesse sistema, um bebê que nasce, é recebido e incluso. A questão é que, frequentemente, indivíduos superdotados questionam desde cedo partes importantes do funcionamento deste sistema e, comumente, são taxados de opositores e desafiadores. Dąbrowski (1929) salienta fatores sociais como o colapso de sistemas sociais que afeta a decisão pelo suicídio. Trata-se de uma ruptura, em grande medida, inesperada e que foge ao controle dos envolvidos como guerras, eventos climáticos e pandemias.

Além disso, quero destacar também quando o próprio indivíduo busca por esta ruptura, o que tende a lhe gerar crises. Tal busca lhe é, no início, inconsciente e, gradualmente, pode se tornar consciente. Tais crises podem soar inesperadas e fora de seu controle. Tanto que também suas manifestações podem parecer psicopatológicas, sendo que, sua origem é biológica e existencial. É existencial porque se trata daquilo que mais importa: a existência de si, no mundo. É quando imerge a

questão fundante e fundamental: quem sou eu e quem quero me tornar? Tais perguntas são indicadoras de que o nível de desintegração espontânea multinível já começou, são oriundas de crises e elas mesmas provocam crises. Precisamos, para compreender o sentido do suicídio, considerar o próprio processo de desenvolvimento do indivíduo e tudo aquilo que o afetou e o afeta, no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer deste artigo, destaquei a complexidade envolvida na correlação entre superdotação e suicídio no que tange aos fatores que são necessários de serem considerados, bem como a singularidade das relações entre tais fatores em cada indivíduo. Esta singularidade está presente no próprio processo de crescimento, ou seja, cada indivíduo é único, mesmo que em um grupo todos sejam superdotados e todos estejam em nível III de seu desenvolvimento. Isto é fundamental para pensar o suicídio em seu sentido, sendo que o próprio sentido de algo é sempre múltiplo. Um sentido é uma condensação de outros sentidos.

Também salientei a reflexão de como cada indivíduo superdotado se influencia pelas crises e de que modo lida com elas. Crises profundas podem, em alguns casos e, ao que se parece, na atualidade, em número crescente de casos, demandar acompanhamento psiquiátrico, psicoterapêutico e/ou outros. Tem havido crescente incidência do que se tem chamado de transtornos como a depressão, dentre vários outros. Tais manifestações clínicas, em determinado grau, podem fortalecer a decisão pelo suicídio e, nestes casos, a intervenção psiquiátrica e medicamentosa é necessária. Porém, após a estabilização do quadro clínico, a busca pela elucidação desta vivência é fundamental. É preciso compreender o sentido do que está a acontecer para que outra decisão possa ser tomada com responsabilidade. Isto porque responsabilidade pode ser ofuscada pela dor. Em dor profunda, o organismo como um todo se volta para uma solução imediata sem ponderação de consequências. A dor de se sentir inferior, de se sentir sozinho no mundo, de sentir que suas necessidades emocionais quase nunca são atendidas, de se sentir confuso, de não saber o que fazer e somado a se sentir sem condições mínimas de atender demandas exigidas por outrem. Esta vivência repetidamente gera a sensação de estrangulamento existencial e conseqüente busca por responder à pergunta que mais importa: qual o sentido da vida? Se a vida parece ter perdido o sentido, resta, então, a morte?

O fato é que tal pergunta é das mais complexas de ser respondida e a ideação, a tentativa e até mesmo a realização do suicídio pode ter, dentre muitos sentidos, o significado da busca por responder esta questão. Quando se desvela que o sentido do suicídio está em responder esta questão fundamental,

é possível, então, convidar o indivíduo superdotado a considerar outras possibilidades de resposta ou, ao menos, outros caminhos nesta busca. Mas, afinal, há um período do desenvolvimento no qual possa haver maior risco de suicídio? Faltam estudos sistematizados para responder esta questão, mas pode-se pensar sobre ela. Quando se olha para os níveis de desenvolvimento da personalidade, é possível levantar a hipótese de que o maior risco de suicídio (morte real) possa estar na passagem do nível II para o III e mesmo durante as desintegrações dentro do nível III. Quando o indivíduo consegue rumar ao nível IV, em minha interpretação atual do que colocou Dąbrowski, o sentido do suicídio está mais relacionado à morte somente simbólica, sem risco de morte real. Trata-se do suicídio do eu antigo e consequente nascimento do novo eu. Em nível V, o mais raro de alguém chegar a ele, o suicídio pode ser real, mas com um forte sentido que transcende o próprio indivíduo.

Ainda no que tange ao sentido da morte do eu, mais intensamente, acredito, na passagem de nível III para IV, defendo que se localiza um segundo nascimento da vida. O primeiro foi o nosso nascimento como bebês, a saída do útero. A morte está ali presente, pois se o bebê não sair do útero e não respirar após a ruptura do cordão umbilical, ele morre. Então, respira-se para não morrer, literalmente. Ao sair do útero, o bebê é envolto por um útero cultural, o sistema social, mencionado anteriormente, que já existe para recebê-lo. Este útero é composto por sua família e demais construções sociais. O segundo nascimento é a saída do útero que estou a chamar de cultural. Este nascimento é gradual e pode levar anos, diferente do primeiro que é rápido e leva no máximo algumas horas ou mesmo minutos. No primeiro nascimento, quem provoca o processo é o corpo da mãe, o qual, literalmente, expulsa o bebê para fora. No segundo nascimento, quem faz isso é o próprio indivíduo, agora, adulto, cronologicamente. Ele decide, com maior ou menor consciência disso, que quer sair do útero comunitário.

Mas o que o motiva sair, sendo que, neste útero, tem o básico para viver? Penso que o que move este segundo nascimento seja uma força autorrealizadora. A tendência por autorrealização foi apontada por Dąbrowski (1967). Se permanecermos dentro do útero, simplesmente não nos realizamos, pois não há transformação. Tudo continua como sempre foi e continuar como sempre foi pode se configurar, simbolicamente, como morte, uma vez que aquilo que morre permanece sem mudança. Saímos do útero, então, para viver. A luta por mudar de nível, seria, nesta interpretação, a busca pela vida. Mas não por uma vida qualquer. Trata-se de uma vida diferenciada da maioria e plena de possibilidades a serem escolhidas e assumidas. Sem direções pré-estabelecidas como verdades absolutas, mas direções construídas a cada momento, a cada escolha. O segundo nascimento é marcado pela responsabilidade e compromisso total com o crescimento da personalidade e do que disto resulta em âmbito social. Significa provocar a ruptura, decidir por ela e assumir uma vida plena de sentido. O

que, aqui, trago como segundo nascimento é um evento de magnitude cósmica na vida do indivíduo superdotado.

REFERÊNCIAS

Dąbrowski, K. (1929). *Les Conditions Psychologiques du Suicide*. 1929. 88f. (Doutorado em Medicina). Faculté de Médecine. Université de Genève. Genebra.

Dąbrowski, K. (1959). *Sur la Désintégration Positive*. *Annales Médico-Psychologiques*. Tome deuxième, pp. 643-668.

Dąbrowski, K. (1967). *Personality-shaping through Positive Disintegration*. London: Great Britain.

Dąbrowski, K. (1976). *On the Philosophy of Development through Positive Disintegration and Secondary Integration*. *Dialectics and Humanism*, v.3, n.4, pp. 131-144.

Dąbrowski, K. (1979). *Dezintegracja pozytywna*. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy.

Dąbrowski, K. (2016). *Positive Disintegration*. Anna Maria: Maurice Basset (texto original publicado em 1964).

Daniels, S. & Piechowski, M. (2008). *Living with Intensity: understanding the sensitivity, excitability and emotional development of gifted children, adolescents and adults*. Scottsdale: Great Potential Press.

Dixon, D.N. & Scheckel, J.R. (1996). *Gifted Adolescent Suicide: the empirical base*. *The Journal of Secondary Gifted Education*, pp. 386-392.

Delisle, J. (1986). *Death with honors: suicide among gifted adolescents*. *Journal of Counseling and Development*, 64, pp. 558-560.

Fiedler, E.D.; Kane, M. (2007). *Stress Management and the Gifted: coping with everyday life*. Annual Convention of the National Association for Gifted Children.

Hayes, M.L. & Sloat, R. (1990). *Suicide and the Gifted Adolescent*. *Journal for the Education of the Gifted*, 13 (3), pp. 229-244.

Metha, A. & McWhirter, E.H. (1997). *Suicide Ideation, Depression, and Stressful Life Events Among Gifted Adolescents*. *Journal for the Education of the Gifted*, 20 (3), pp. 284-304.

Mueller C.E. & Winsor, D.L. (2018). *Depression, Suicide, and Giftedness: Disentangling Risk Factors, Protective Factors, and Implications for Optimal Growth*. In: I. Pfeiffer (ed.), *Handbook of Giftedness in Children*. Spring International Publishing, pp. 256-284.

Piechowski, M. (2014). *Identity*. In: Piske, F.H.R. et al (Orgs.). *Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD): criatividade e emoção*. Curitiba: Juruá, pp. 97-113.

Tillier, W. (2018). Personality Development through Positive Disintegration: the work of Kazimierz Dąbrowski. Anna Maria: Maurice Basset.

Patricia Neumann

Tem altas habilidades/superdotação em liderança e acadêmico-intelectual nas áreas linguística e lógico-matemática. Soube de sua condição aos 28 anos (hoje, tem 38). É bacharel em Psicologia e licenciada em Filosofia. Fez mestrado em Educação e é cientista nesta área. Fala sete línguas e é tradutora autodidata. No campo das AH/SD, trabalha com avaliação psicoeducacional, atendimento psicoterapêutico, consultoria a famílias e pessoas adultas, formação de profissionais, pesquisa e redes sociais. Como cientista, além da pesquisa, atua na supervisão de pesquisadoras (es), avaliação de produção científica e consultoria para estudantes e profissionais. Seus interesses estão em torno de tudo que se refere ao ser humano e seu crescimento pessoal e social em prol do potencial e dos talentos.

Recebido em 08 de fevereiro de 2022
Aceito em 25 de abril de 2022